

**Retomada epistêmica e experiências permundos:
ações antirracistas de reparação epistêmica na UFG**
**Epistemic resumption and *permundo* experiences:
anti-racist epistemic reparation actions at UFG**
**Reocupación epistémica y experiencias de *permundos*:
acciones de reparación epistémica antirracista en la UFG**

Em homenagem a Jaider Esbell

Alexandre Herbetta

Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia – Brasil

Carolina Fonseca

Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia – Brasil

Pedro Britto

Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia – Brasil

Edval Canela

Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia – Brasil

Daniel Pastana Yudja Juruna

Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia – Brasil

Higino Tsitomowe Paramei'wa

Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia – Brasil

Rômulo Tsereru'õ

Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia – Brasil

Delarin Tsereura Butaawe

Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia – Brasil

Edmundo Wahuka Javaé

Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia – Brasil

Samanta Javaé Maluadidi

Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia – Brasil

Weretuma Karajá

Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia – Brasil

Valdemar Tsibrui 're Tsoropre

Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia – Brasil

Resumo

Este texto apresenta o projeto “Saberes, textualidades e visualidades interculturais: potencialidades de tramas-grafias para retomadas epistêmicas”, realizado no âmbito do Núcleo Takinahaky de Formação Superior Indígena, da Universidade Federal de Goiás. Ele tem como eixo a noção de “Retomada Epistêmica” e se desenvolve por meio de atividades acadêmicas vinculadas ao estudo do tema contextual: Terra, território e sustentabilidade. O objetivo da proposta é pensar, problematizar e produzir conhecimento sobre o território, entendido tanto em relação aos espaços originários, como em relação ao espaço acadêmico. Em seguida, busca-se problematizar processos de violência epistêmica, presentes nos distintos espaços. Nesse sentido, por meio do campo expandido das artes visuais, apresentamos imagens-conhecimentos que expressam e produzem relações entre saberes indígenas e não indígenas e refletem sobre a presença indígena em espaços acadêmicos.

Palavras-chave: Violência epistêmica, Reparação, Universidade, Imagens, Conhecimento

Abstract

This text presents the project “Intercultural knowledge, textualities and visualities: potentialities of graphics for epistemic resumption”, carried out within the scope of the Takinahaky Center of Indigenous Higher Education, Federal University of Goiás. Its axis is “Epistemic resumption” notion, and it is developed through academic activities linked to the study of the contextual theme: land, territory, and sustainability. The objective is to think, discuss and produce knowledge about territory, understood both in relation to indigenous spaces and to academic space. Then, it seeks problematizing epistemic violence processes present in different spaces. In this sense, through the expanded field of visual arts, we present knowledge-images that express and produce relationships between indigenous and non-indigenous knowledge and reflect on indigenous presence in academic spaces.

Keywords: Epistemic violence, Reparation, University, Images, Knowledge

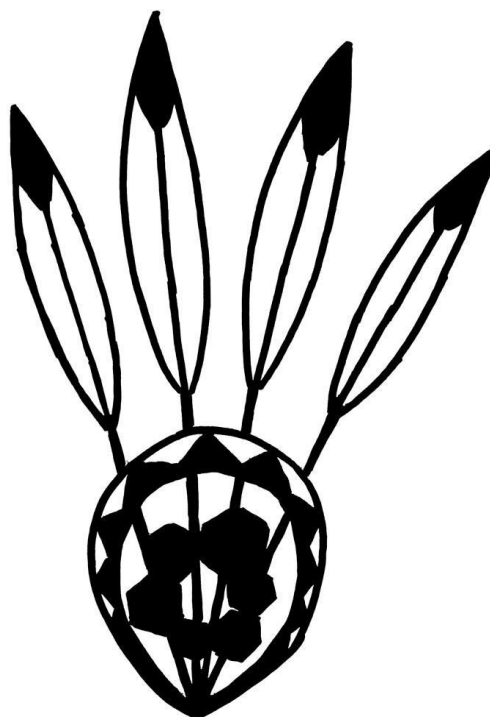
Resumen

Este texto presenta el proyecto “Conocimientos, textualidades y visualidades interculturales: potencialidades de las tramas gráficas para reanudaciones epistémicas”, realizado en el ámbito del Núcleo Takinahaky de Educación Superior Indígena, de la Universidad Federal de Goiás. El proyecto tiene como eje la noción de “Reanudación Epistémica” que se desarrolla a través de actividades académicas vinculadas al estudio del tema contextual: tierra, territorio y sustentabilidad. El propósito de la propuesta es pensar, problematizar y producir conocimiento sobre el territorio, entendido tanto en relación con los espacios originales como en relación con el espacio académico. Luego, se busca problematizar procesos de violencia epistémica, presentes en diferentes espacios. En este sentido, a través del campo expandido de las artes visuales, presentamos saberes imágenes que expresan y producen relaciones entre saberes indígenas y no indígenas y reflexionan sobre la presencia indígena en los espacios académicos.

Palabras clave: Violencia epistémica, Reparación, Universidad, Imágenes, Conocimiento

1. Introdução

Imagem-conhecimento produzida por artistas-intelectuais Canela no Projeto-Ação Retomada Epistêmica



A imagem acima, denominada aqui imagem-conhecimento¹, como ficará claro, sobrepõe de maneira interessante elementos de uma cosmovisão indígena, no caso da população Canela, e elementos que representam o espaço acadêmico da mesma instituição. Os Canela se constituem em cerca de 2500 pessoas, que vivem no sul do Maranhão, relacionam-se ao mundo Timbira, de língua macro-jê e possuem estudantes na Universidade Federal de Goiás.

Nesse sentido, a logomarca da universidade, que se encontra de certa forma no centro da imagem, é circundada por círculos adornados com grafismos Canela. Os grafismos representam pertencimentos sociais a grupos internos, que se dividem por meio da nomenclatura e parentesco e expressam figuras baseadas em formas geométricas.

¹ A expressão imagem-conhecimento foi elaborada no próprio processo de desenvolvimento deste projeto e no âmbito das pesquisas do Núcleo Takinahaky de Formação Superior Indígena da Universidade Federal de Goiás. Essa expressão e outras emergem no bojo do que se chama novas bases epistêmicas (HERBETTA; PIMENTEL, 2018), base da perspectiva teórico-metodológica do referido espaço. Ela, especificamente, aponta para os planos epistemológico e ontológico das imagens, para além de seu caráter representativo.

Na parte de cima da imagem, percebe-se marcadamente as penas representando um cocar, o que aponta para autoridade e identidade originárias. É como se instituição de ensino superior e a chefia indígena estivessem misturadas, ou melhor, vinculadas. Vale notar que, na epistemologia indígena Canela, estar no centro do círculo é como estar no pátio central da aldeia, lugar de autoridade política, reuniões das lideranças e festas culturais. A imagem é poderosa, no que se refere ao tema da presença indígena em universidades brasileiras. Ela permite uma série de reflexões sobre os efeitos dessa nova situação, de uma perspectiva epistemológica e política.

Vale lembrar que há não muito tempo as populações indígenas eram constantemente excluídas da universidade. A situação mudou por meio, especialmente, da luta do movimento indígena e da consequente formulação de políticas públicas, como a criação de cursos de licenciatura intercultural indígena e as políticas de ação afirmativa, que se fortaleceram na década de 2000.

No momento, podemos observar um interessante movimento de transformação em algumas universidades, em relação às condições de inclusão e permanência de populações originárias, o que acaba por promover mudanças importantes nas dinâmicas acadêmicas. Há também limites e muitas dificuldades para as mudanças.

Essa imagem foi criada e transmitida ainda na ação intitulada “Retomada Epistêmica”, realizada em março de 2019, vinculada ao projeto Saberes, textualidades e visualidades interculturais: potencialidades de tramas-grafias para retomadas epistêmicas², criado no âmbito do Núcleo Takinahaky de Formação Superior Indígena, da Faculdade de Artes Visuais e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, da Universidade Federal de Goiás.

O Núcleo Takinahaky, em especial, é um espaço de formação de docentes indígenas e de estudos sobre a interculturalidade crítica. Possui cerca de 300 estudantes indígenas de mais de 30 populações originárias.

²A noção de tramas-grafias busca problematizar a hegemonia da escrita enquanto suporte de saber. O objetivo não é o de se colocar contra a escrita em si, mas valorizar outras maneiras expressivas, como a imagem. Faz parte também da elaboração de novas categorias para a pesquisa acadêmica, presentes no Núcleo Takinahaky (HERBETTA; PIMENTEL, 2018).

Teve origem em 2007 e faz parte do contexto gerado por políticas públicas que buscam aperfeiçoar a educação escolar indígena.

Essa e outras imagens-conhecimentos foram elaboradas e transmitidas ao longo do estudo do Tema contextual: Terra, território e sustentabilidade, componente obrigatório da matriz curricular do curso de educação intercultural indígena, do referido núcleo, por docentes indígenas e não indígenas, autores e autoras deste texto, com base em princípios de uma metodologia colaborativa e da noção de coteorização.

Para Rappaport (2007), as investigações convencionais se apoiam em uma dinâmica colonial, baseada na relação entre o sujeito que investiga e possui a autoridade do conhecimento e o objeto a ser estudado, destituído de legitimidade em seus saberes. Nessa direção, de maneira oposta, para as autoras, “ainda mais significativo é o espaço que abre o processo de coteorização com os grupos que estudamos, proporcionando aos nossos interlocutores e a nós mesmas, novas ferramentas conceituais para dar sentido às realidades contemporâneas” (2007, p. 201).

As atividades em tela se desenvolveram ao longo de uma semana. O objetivo da proposta desse tema contextual foi o de pensar, problematizar e produzir conhecimento sobre o território, entendido tanto em relação aos espaços originários, demarcados ou não, em contexto urbano ou rural, como ao espaço acadêmico, a própria universidade, entendida como um território determinante nas relações entre saberes, poderes e subjetivação no país.

Em seguida, buscou-se problematizar processos de violência epistêmica, presentes nos distintos espaços, vinculados ao processo de racismo epistêmico, central no estudo das colonialidades do ser, saber e poder. As noções em referência fazem parte do repertório conceitual do grupo modernidade-colonialidade, conhecido em território nacional por problematizar a modernidade eurocentrada e propor processos de descolonização, ancorados na ideia de decolonialidade. Assim, a colonialidade, ou seja, a lógica ontoepistemológica que mantém o mundo dividido hierarquicamente entre dominadores/superiores e subordinados/inferiores, por meio da racialização de pessoas e espaços, atua nos níveis do ser, do saber e do poder. Tal processo toma como base

igualmente a ideia de que os únicos saberes legítimos e válidos para a explicação do mundo são os de matriz eurocêntrica, que se efetivam em um processo violento de subordinação de outros conhecimentos, denominado violência epistêmica (CASTRO-GOMÉZ, 2000).

O tema contextual é uma proposta inovadora do espaço, buscando romper com a dinâmica disciplinar, que fragmenta e descontextualiza saberes e, portanto, apoia a colonialidade do ser, do saber e do poder. Por meio dos temas contextuais, busca-se promover a transdisciplinaridade, fazendo emergir outros regimes de conhecimento, outras línguas de saber e outras relações de convivência. O território, a ancestralidade, a espiritualidade e o corpo são as bases dessa dinâmica.

Para Delarin Butaawe (*apud* FONSECA; HERBETTA; BRITTO, [s/d], [s/p]),

este tema é muito significativo, traz uma reflexão crítica mais profunda para gente pensar na nossa realidade e, ao mesmo tempo, no espaço de universidade. Às vezes, não somos bem acolhidos pela própria instituição de ensino, mas pelo tema nós abrimos, nós gritamos para que o espaço seja mais aberto para todos e nós povos indígenas, quilombolas ribeirinhos, raizeiros, quebradeiras de babaçu, sejamos bem recebidos pela instituição. É cansativo, mas nós merecemos. Por meio do tema, aprendemos a potência da pintura.

Conforme Delarin (*apud* FONSECA; HERBETTA; BRITTO, [s/d]), na medida em que a instituição não se transforma estruturalmente para incorporar em suas dinâmicas outras epistemologias, ela acaba por excluir e gerar sofrimento psíquico. Apenas uma universidade, que, efetivamente, contenha o tema da diferença em suas práticas de gestão, de pesquisa e de formação pode concretamente acolher outras populações (HERBETTA, 2018). Para Valdemar Tsoropre (*apud* FONSECA; HERBETTA; BRITTO, [s/d], [s/p]), “esse tema foi muito importante na minha visão ampla. Esse nosso tema foi contribuindo para lutar. A epistemologia indígena mostrou que a qualidade da outra parte seja transformada em uma coisa só. Retomamos a Universidade Federal de Goiás”.

Nesse sentido, por meio de outras formas expressivas, para além do suporte da escrita alfabética-textual, utilizamos o campo expandido das artes visuais, para produzir imagens-conhecimentos sobre a relação entre saberes indígenas e não indígenas e sobre a presença indígena em espaços acadêmicos. Dessa maneira, as epistemologias indígenas são o

suporte para a reflexão sobre o racismo epistêmico que ainda permeia dinâmicas universitárias. As imagens-conhecimentos criadas no projeto serão o eixo central deste texto, o que indica a potencialidade do vínculo entre arte e educação, em uma perspectiva decolonial.

Por fim, as imagens-conhecimentos foram inseridas na paisagem acadêmica, na ação denominada “Retomada Epistêmica”, que durou um dia e ocupou o espaço acadêmico, transformando a paisagem, constituindo outras relações e problematizando a monoepisteme que predomina no território da academia. A ação em referência teve como objetivo mobilizar parte da comunidade acadêmica sobre o tema. Para isso, em pequenos grupos, fixamos as imagens-conhecimentos nos distintos espaços universitários e, simultaneamente, conversando com as pessoas, apresentamos ideias e sentidos da proposta.

Imagem 1: Retomada epistêmica



Para Edval Canela, “a UFG é nossa, de todos, não só dos indígenas, é do branco, dos quilombolas. A universidade é de vários povos” (*apud* FONSECA; HERBETTA; BRITTO, [s/d], [s/p]). Para Valdemar Tsoropre, “exploramos uma retomada da universidade por meio da imagem. Isso é para mim um avanço que a gente adquiriu” (*apud* FONSECA; HERBETTA; BRITTO, [s/d], [s/p]).

2. Agenciamento das linguagens expressivas

O projeto Retomada Epistêmica nasceu, igualmente, da religação entre alguns campos de saberes presentes na UFG: os saberes ancestrais, a antropologia, o design, a arquitetura, a educação intercultural e as artes visuais, a partir da confluência entre a Faculdade de Artes Visuais, o Núcleo Takinahaky de Formação Superior Indígena e o Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Nesse entrelaçamento, buscamos atuar a partir das práticas de pesquisa-ação, na expectativa de criar linhas de enfrentamento do quadro generalizado de epistemicídio dos saberes dos povos originários. Para Daiara Tukano (2018),

A universidade é paradoxal: se coloca como espaço de desconstrução de paradigmas de ciência, ao mesmo tempo que os canoniza quando se sujeita às dinâmicas da manutenção do poder hegemônico, mostrando nas práticas seu caráter eurocêntrico, colonial e imperialista diante das ontologias, epistemologias e semiologias e outras culturas. Esse caráter se revela como armadilhas nas metodologias e linguagens de pesquisa e argumentação: o método e linguagem são parte fundamental daquilo que desenha a construção, manutenção e a derrocada de cada paradigma. (p.16)

Propusemos, então, que as reflexões geradas a partir do quadro tão generalizado de racismo epistêmico, fossem expressos em imagens-conhecimentos, que manifestam saberes com base em epistemologias originárias, capazes de ocupar visualmente muitos territórios, como a cidade, a universidade e as aldeias.

Dessa forma, por meio da composição de narrativas gráficas sobre o/no território, tratando de temas como a universidade, a retomada, as epistemologias, o racismo e a interculturalidade crítica, estabelecemos relações possíveis entre grafias indígenas e acadêmicas no sentido expandido, amplificando e demarcando o pertencimento indígena ao território da institucionalidade acadêmica e, simultaneamente, reconfigurando espaços epistêmicos e interculturais na universidade.

Entendemos interculturalidade a partir da noção de conflito, de Jorge Gasché (2008), que se contrapõe ao entendimento idílico e falso presente na ideia de diálogo de saberes, observada em muitos trabalhos sobre o tema, assim como tomamos como base a ideia de interculturalidade crítica de Catherine Walsh (2013), que se contrapõe à noção de interculturalidade

funcional, a qual se apoia em uma retórica bem elaborada, mas não busca a transformação epistemológica e política.

Nessa direção, Célia Xacriabá (2020), no texto “Amansar o Giz”, defende a intelectualidade indígena em profundo diálogo com reativação de memórias e atravessamentos históricos, a partir dessas travessias entre tecnologias e ancestralidade. Segundo a autora,

a intelectualidade indígena não está apenas na elaboração do pensamento que acontece na cabeça. Está na elaboração do conhecimento produzido a partir das mãos, das práticas e de todo o corpo. Todo corpo é território e está em movimento, desde o passado até o futuro. É aí que a intelectualidade indígena acontece. (2020, [s.p.])

A autora problematiza, ainda, o registro gráfico e escrito, do giz, na escola, apontando maneiras de apropriação e agenciamentos indígenas sobre o tema. A imposição de apenas a escrita alfabética-textual como suporte do conhecimento e a invisibilização de outros regimes e expressões de conhecimento, como os ameríndios, diminuídos em instituições e espaços contemporâneos explicitam, portanto, uma das múltiplas camadas da violência epistêmica, cujo ápice é o epistemicídio, que, para Souza Santos, equivale ao extermínio de um sistema de conhecimento (SANTOS, 2009).

O forte do nosso povo sempre foi a oralidade, mas, com as tecnologias, a ampliação dos registros se torna possível, nos trazendo algumas vantagens. Através de fotografias, da escrita digital e da grafia audiovisual, trabalhamos para que as próximas gerações tenham também oportunidade de reativar nossas memórias, compreendendo os diversos atravessamentos históricos vividos pelos Xacriabá. (2020, [s.p.])

As tramas-grafias aqui tecidas derivam, portanto, dessa comunicação entre formas visíveis e invisíveis, pela não hierarquização entre escrita alfabética e escritas outras, gráficas e cosmológicas. Todas elas se tornando formas de enfrentamento da violência epistêmica, atuando em processos de reparação epistêmica de espectro estrutural nas universidades. Para Daiara Tukano (2018), artista, professora e intelectual:

A sociedade da escrita, com suas bíblias e enciclopédias, tende a depreciar a sociedade da oralidade, a escrita tende a esvaziar a essência da oralidade indígena, reduzindo seu sentido, excluindo-a do espaço científico e do paradigma ocidental de conhecimento. A escrita acadêmica tende a repetir essa dinâmica: inclusive no campo dos direitos humanos, quando se defende uma abordagem decolonial, raramente se trata dos indígenas falando por nós mesmos, mas de não indígenas tentando traduzir ou falar pelos índios. A dinâmica paternalista em relação aos indígenas pode ser reconhecida de

maneira bruta ou sutil em todos os espaços institucionais, inclusive entre aqueles que se colocam em parceria com a luta indígena, limitando sem perceber, sua autonomia. Vejo necessário chamar para uma abordagem decolonial em termos próprios: decolonizar cabe a quem tentou colonizar; aos indígenas cabe contracolônizar, impedir que a colonização aconteça. (p. 32)

A professora Maria do Socorro Pimentel da Silva (2019), referência no campo da interculturalidade crítica e fundadora do Núcleo Takinahaky de Formação Superior Indígena, espaço de realização desse projeto, em sentido similar, afirma por meio de seu conceito bilinguismo epistêmico, o quão equivocado é olharmos para os modos de expressão de maneira dicotômica. Segundo a autora, a escrita muitas vezes apoia a oralidade e vice-versa, ambas articuladas, constituindo modos potentes de produção de conhecimento. Tais dicotomias, na maioria das vezes, descontextualizam dinâmicas presentes em outras epistemologias, relacionadas ao entendimento de códigos fundamentais para a vida, como a oralidade, a musicalidade e a visualidade, e hierarquizam processos distintos de entendimento de mundo. Subalternizam, ainda, populações que não possuem convencionalmente a escrita em seus processos tradicionais de relação com o universo. Se a escrita pode ser, assim, um mecanismo que divide e inferioriza determinadas populações, pode ser, em outros casos, um meio de expressão que atua para fortalecer a oralidade (PIMENTEL, 2019).

Nesse contexto, para Banks e Ruby (2011), a abordagem “visual, bem como outras abordagens baseadas nos sentidos, são capazes não apenas de fornecer um contexto mais amplo para determinadas questões, como o texto faz, mas também de mergulhar o público em uma experiência visual” (p. 25).

Imagem-conhecimento produzida por artistas-intelectuais Canela
no Projeto-Ação Retomada Epistêmica



A imagem-conhecimento acima apresenta uma mão em gesto revolucionário, punho fechado, plasmando um ícone de lutas outras, da atmosfera revolucionária e proletária, para a inscrição em grafismos originários. Na parte de baixo dela, observamos a parte de cima de corpos indígenas diversos, talvez, indicando a base epistemológica indígena desse movimento de transformação. Nota-se claramente que são corpos indígenas, pois estão com adereços, como cocares, que indicam o poder, a autoridade política e a identidade originária.

O punho pintado com grafismos particulares e uma corda amarrada próxima da mão indicam talvez a tensão da luta e as dificuldades dos avanços nesse processo de transformação. A imagem possui, ainda, uma mensagem escrita em língua materna “UFG me pa jô pjê”, inserindo no território acadêmico línguas ameaçadas e anteriormente excluídas da

universidade e da produção de conhecimento dito científico. A mensagem em questão, em língua hegemônica, significa: “UFG, nosso território”.

Outras pessoas já notaram a potência e o agenciamento presente em outras formas de expressão, no caso a visual. A historiadora da arte, Els Lagrou (2009), por exemplo, pensa os desenhos gráficos presentes nos corpos, objetos, espaços, como uma concepção própria de escrita, um suporte para a comunicação entre as formas visíveis e invisíveis, que não se reduzem ao sentido de símbolos, pois evocam a cosmovisão do povo Huni Kuin, corporificando mundos, materializando realidades e percepções em grafismos.

Em *Gaapi: uma viagem por este e outros mundos*, Jaime Dakara (2021), antropólogo indígena, estuda os conhecimentos Desana “a partir da descrição e da linguagem do desenho, a partir da minha experiência e da minha habilidade de desenhar” (p.20). Segundo o autor:

Os desenhos que apresento neste trabalho não são meras ilustrações do texto, eles são o próprio texto, neles apresento os elementos e as imagens que considero necessárias para explicar o assunto. Eu não explico cada elemento do desenho, o que talvez possa ser difícil para o leitor, mas eles refletem tudo aquilo que expressei pelas palavras escritas, e também aquilo que não consegui escrever. (2021, p.20)

Nessa direção, devemos lembrar que a expressão imagética é um excelente meio de comunicação e produção de conhecimento desde sempre, apresentando-se de maneira plural entre as distintas populações originárias. Para Rappaport e Cummins (2011), “isso era verdade tanto para os modos pré-colombianos de inscrição, como o registro do nó khipu e os béqueres laqueados chamados de queros que codificavam referentes históricos, quanto para a alfabetização em espanhol da era colonial” (p.14). Para ambos os autores, “isso pode revisar quadros ontológicos [...] fornecendo uma crítica articulada de conhecimentos especializados [...] trabalhando para um redesenho ecológico ontológico significativo” (RAPPAPORT; CUMMINS, 2011, p. 14).

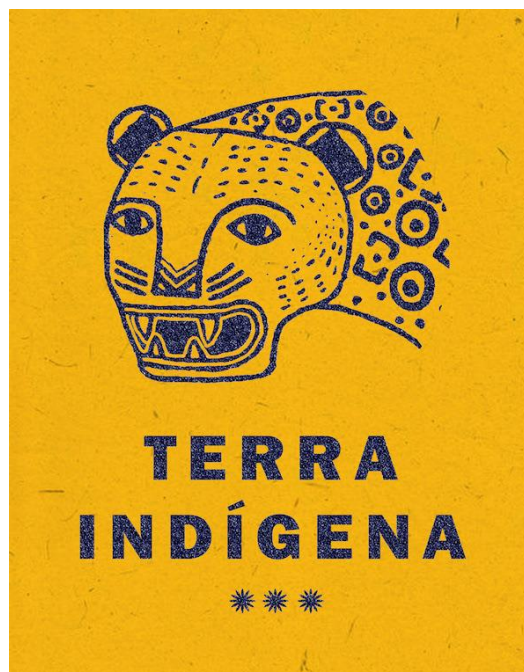
Nesse contexto, artistas indígenas brasileiros vêm igualmente redefinindo o campo da arte contemporânea no país. Para Jaider Esbell, ganhador do prêmio PIPA 2020,

Voltando para o assunto maior, a arte indígena contemporânea, posso dizer que é um termo a mais no mundo dos termos. Mas, quando é trabalhado desse lado de cá, o eu sujeito, artista, indígena e autor, passa a ter legitimidade inquestionável. É armadilha para pegar armadilhas por diversas razões, sobretudo para o campo da autocrítica, autoanálise e autodesenvolvimento. Talvez se espere discutir sobre tal arcabouço questões como, se índio faz arte, artesanato ou artefato. Questionar usos e apropriações de ambos os lados. Discutir questões de autoria coletiva, a autonomia do artista ou mesmo obter parâmetros que digam quem pode ser considerado artista ou não entre os sujeitos indígenas. Talvez, ir além a ponto de forçar limites e fronteiras que são tênues em muitos pontos como a legitimação de uma reivindicação autoidentitária ou a miscigenação ou a dupla identidade étnica, quando os nativos se fundem com os afrodescendentes ([s.d.], [s.p])

A prática das artes visuais a partir da intersecção ética, estética e política, no caso ligada à mobilização indígena no país, tem sido denominada por artivismo (ESBELL, [s.d.] [s.p]). Para Daiara Tukano (2018):

Os povos indígenas somos um dos grupos que fomos sentenciados a ficar numa espécie de masmorra da história da humanidade, acorrentados à imagem, ilusória do índio, escrita e desenhada pelos colonizadores, impedidos de ter o alcance pleno aos nossos direitos e impedidos de dar continuidade a nosso pensamento e identidade, caso quiséssemos ser aceitos, com direitos iguais no mundo dos não indígenas: fomos sentenciados a aprender a nos comunicar com a língua do branco para nos fazer entender para tentar não morrer. (p.108)

Nesse contexto, Denilson Baniwa, artista indígena contemporâneo, vencedor do Prêmio PIPA/2019, criou a imagem de um jaguar chamado Yawareté. Ele propõe que qualquer pessoa se aproprie da imagem com o objetivo de retomarem os espaços, no sentido de transformarem seus lugares em indígenas, apontando para a proposta do projeto territorial em referência, cuja máxima está expressa no enunciado: “O Brasil inteiro é terra indígena” (BANIWA; CAPIBERIBE, 2020).

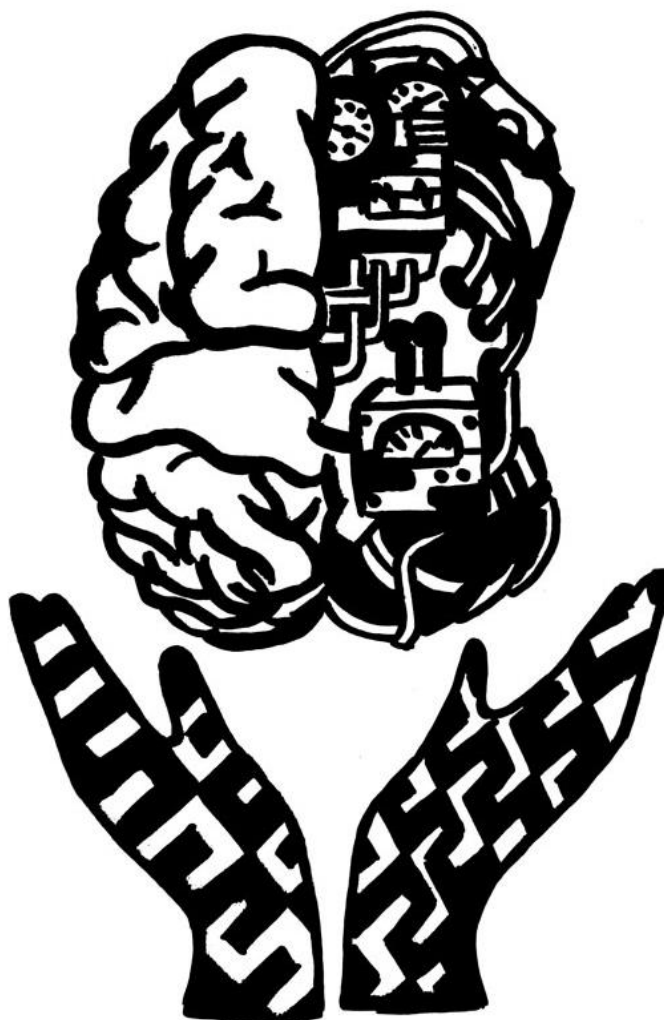
Imagem 2 - Yawaretê (de Denilson Baniwa)

Esse trabalho, para além do conteúdo semiótico em si, ativa um conjunto de importantes relações, ao oferecer uma imagem como tecnologia de cultivo do comum, de trama-grafias. A obra tem um impacto para além da imagem em si, o gesto é também o de convidar a sua multiplicação, replicação, reprodução, onde uma multidão de Yawaretés aparecem como tática de povoamento e de demarcação de territórios simbólicos, cognitivos, afetivos e imagéticos.

Passamos a encontrá-las em muros de cidades, em perfis de redes sociais, em camisetas, cartazes, instituições públicas, e isso a torna uma imagem viva e multitudinária, posto que sua presença acontece por vetores diversos e imprevistos; ela parece se reproduzir como um animal mesmo, vivo, que faz ninhada numerosa, transformando paisagens epistemológicas e estabelecendo relações.

3. Imagens-conhecimentos em ação

Imagem-conhecimento produzida por artistas-intelectuais Javaé
no Projeto-Ação Retomada Epistêmica



A imagem-conhecimento acima, de autoria Javaé, apresenta duas mãos, figura recorrente no projeto, suspendendo ou segurando um cérebro-máquina, como se o estivesse manejando. As mãos em tela são completamente pintadas por grafismos originários, indicando sua origem. A maquinaria cerebral, indica elemento de uma noção de corpo ocidental, maquinária, representada por relógios e ligações. Aparentemente há uma proposição relacional entre mãos e cérebro, religando partes de um corpo orgânico. Duas mãos em gestos distintos carregam o parentesco dos grafismos dos povos indígenas.

Essa camada de imagens que demarcam o próprio corpo-território, as duas mãos, em gesto de criação, parecem dar origem em sentido de reverência, de sublevação, ao encontro de dois lados distintos do cérebro, amalgamado como forma originária de um lado e transmutação em símbolos tecnológicos do outro. Ou ainda, um dentro do outro, de um lado, a superfície cérebro e no outro, o cerne tecnológico; os gestos das duas mãos parecem herdar simbologias de outros territórios simbólicos, desde a revolução até a criação.

As imagens-conhecimentos, portanto, abrem campos de resistência no espaço da produção dos saberes acadêmicos a partir da guinada dos sujeitos de enunciação, promovendo brechas ou campos de resistência antirracista, com base em epistemologias originárias. Dessa forma, trabalhamos com o método de invenção colaborativa de pontes, que abrange as dimensões ética, estética, poética e política, gerando grafias visuais, por meio de conversas filosófico-políticas, como expressões expandidas dos saberes interculturais.

É como em projeto realizado na Universidade de Campinas (Unicamp) por Denilson Baniwa, que criou uma série de grafismos-imagens no prédio do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH), tendo como base a imagem da cobra grande da transformação, presente em distintas epistemologias originárias.

A ideia de fazer o buraco negro... não sei como chama... acho que é um buraco negro, de onde a serpente sai e aparece ali no prédio principal, vem desse mito da serpente que vem do Cosmos, que surge de um relâmpago no céu e aparece trazendo todos os povos. Ali tem isso... começa bem na parede da frente, onde tem o quadro de energia, vem só o rabinho dela e entra num buraco, o buraco negro, e reaparece na parede de trás pra dar essa ideia de que ela vai passando pelos mundos... de repente... quando termina lá na cabeça da cobra e tem lá um outro buraco, a gente não sabe pra onde que ela vai, né? De repente, ela vai pra... não sei... uma outra cidade, uma escola, ou para um centro cultural, não sei, dá ideia de um fluxo... ela entrou num buraco do Cosmos num lugar e saiu ali no IFCH, nesse tempo de agora, né? (BANIWA; CAPIBERIBE, 2020, p. 105)

Segundo uma das idealizadoras da proposta, a professora Artionka Capiberibe (2020), “antes de ele existir, minha ideia era que ele fosse uma espécie de acolhimento, ao mesmo tempo que ele expressa a arte e o conhecimento indígena, ele acolhe os indígenas que estão chegando na Unicamp, isso está no projeto” (p. 105). Para o autor das imagens,

nas primeiras conversas que a gente teve, acho que por e-mail, você falou que o prédio era novo, que estava muito branquinho, que precisava dar uma outra cara e tudo. Eu fiquei pensando sobre isso, de como recepcionar os indígenas, de como mostrar que tem uma diversidade (2020 p.103).

A proposta de Retomada Epistêmica apresentada aqui igualmente possui a pluralidade como eixo, tratada por meio da produção de imagens que representam categorias tratadas no tema contextual ministrado no Núcleo Takinahaky, como conhecimento, violência, retomada e pluralidade. Na ocasião, a discussão girou em torno dos regimes de produção de conhecimento, uns vinculados mais a uma matriz eurocêntrica, como o método científico convencional, e outros modos de conhecer, vinculados a outras epistemologias, como as indígenas, que têm mais a ver com o corpo, a oralidade, a performance e o visual.

Focamos o estudo no conceito de violência epistêmica, refletindo sobre o fato de muitos espaços institucionais possuírem mecanismos conscientes e inconscientes de anulação de outras epistemologias.

As imagens foram realizadas em pequenos grupos, divididos em cada população originária presente nas aulas, como as do Javaé e Karajá, populações aparentadas de língua Iny-Karajá, habitantes dos estados de Goiás e Tocantins; os Akwẽ-Xerente e os A'uwe-Xavante, de língua Jê, no Tocantins e Mato Grosso; os Apyãwa-Tapirapé, de língua Tupi-Guarani neste mesmo estado e os Yudjá-Juruna, povo Xinguano. Como se nota, populações de distintas matrizes culturais e linguísticas, habitantes de distintas regiões.

Imagem 3 - Sequência de retomada epistêmica em ação



Em seguida, as atividades foram realizadas em períodos de trabalho coletivo no Ateliler de Gravuras da Faculdade de Artes Visuais, coordenado pela professora Carolina Fonseca, quando as imagens-conhecimentos foram, então, confeccionadas a partir da junção de imagens menores e da reflexão

teórica realizada, produzindo impressos em uma perspectiva cosmopolítica, em três escalas distintas: camisetas (escala do corpo), cartazes lambe-lambes (escala do espaço público) e bandeiras (escala do território).

As imagens criadas tinham como base, ainda, elementos e relações centrais para as distintas epistemologias. Ademais, traziam uma reflexão sobre a presença (ou não) desses sistemas de conhecimento no espaço acadêmico. Tratava-se, portanto, de uma discussão sobre a possibilidade e a potencialidade de uma retomada epistêmica, qual seja, a presença de outras epistemologias na universidade, ou em outras palavras, a possibilidade de uma pluriversidade. A partir das imagens criadas, desenvolvemos coletivamente as telas para impressão em serigrafia, propondo justaposições e composições de duas ou mais imagens produzidas por população originária. Com a composição das imagens definidas coletivamente, em consenso, organizamos momentos para as impressões de camisetas, bandeiras e lambe-lambes.

Imagem 4 - Imagens-conhecimentos



As matrizes visuais na UFG nasceram dessas oficinas de desenho, nas quais criamos embriões para os fotolitos das serigrafias, que constituem as imagens-conhecimentos, ativando contra-narrativas que atuam, como a Yawaretê de Denilson Baniwa, em diversos espaços, desde no território acadêmico aos territórios originários, e geram efeitos ativistas no sentido de Jaider Esbell ([s.d.], [s.p]). Para Delarin (*apud* FONSECA; HERBETTA; BRITTO, [s.d.], [s.p]), “vejo a importância dentro da retomada. Vou levar na minha comunidade o que tá acontecendo na aula”.

A serigrafia, sua relação com a revelação e a luz, e a possibilidade de multiplicação exponencial de uma imagem única engendraram um encantamento no grupo, o que trouxe para a experiência um sentido multitudinário e vivamente coletivo. Ao final, havíamos imprimido mais de uma centena de cartazes, camisetas e bandeiras. Esse material foi usado como ferramenta para uma ação de ocupação do Campus Samambaia da Universidade Federal de Goiás, ou nos termos propostos por Jaider Esbel ([s.d.], [s.p]), para construir uma armadilha dentro da armadilha. Nesse caso, a armadilha servia para capturar a configuração muito segregada da presença dos/das professores/professoras indígenas na Universidade Federal de Goiás.

Imagem 5 - Sequência de retomada epistêmica em ação



A própria ideia de retomada epistêmica é um desdobramento poético do léxico das lutas pela salvaguarda dos territórios indígenas e do giro epistêmico, debatido no grupo modernidade/colonialidade e no Núcleo Takinahaky, confluindo para as práticas de experimentação gráfica a partir da técnica de serigrafia. Faz parte também do estudo acerca de novas bases epistêmicas (HERBETTA; PIMENTEL, 2018) presente há bastante tempo no mesmo núcleo. Nessa direção, para Daiara Tukano (2018):

É necessário questionar a academia, construindo dentro dela novas propostas para dar abertura a outros conceitos que podem soar novos para ela, mas que são antigos, no sentido que edificam a origem de nosso pensamento. Este texto é construído em forma de cerimônia, no sentido de colocar a academia e o paradigma colonial na frente do espelho, para apontar violências que precisamos desconstruir e ultrapassar em atitudes saudáveis e novos pensamentos. (p. 160)

Por fim, o corpo foi o promotor do conhecimento gerado com a ação de ocupar sistematicamente os espaços, demarcando o território indígena acadêmico, fortalecendo o pertencimento pela presença e co-presença indígena no território institucional acadêmico, produzindo transformações. Para

Daniel Yudjá (*apud* FONSECA; HERBETTA; BRITTO, [s.d.], [s.p]), “essa semana foi muito importante. Esse trabalho é uma coisa nova e espiritual. Pude pensar a importância das epistemologias indígenas. Podemos retomar a nossa universidade como verdadeiramente um território indígena”.

Imagem-conhecimento produzida por artistas-intelectuais Xavante no Projeto-Ação Retomada Epistêmica



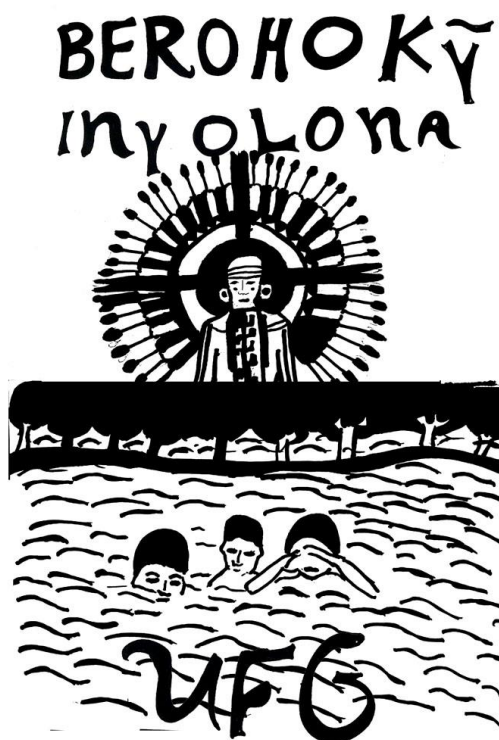
A imagem-conhecimento acima tem como marca corpos indígenas, como se pode perceber, figuras marcantes das imagens-conhecimentos. Nesse caso, há dois corpos femininos, aparentemente indígenas, adornados com grafismos originários, em postura de luta. A luta na vida Xavante representa uma atividade social que se vincula à organização política da população,

movimentando vínculos e relações, diferenciando-se epistemologicamente de como se entende luta no mundo não indígena. Ela é também um espaço de formação do corpo e da pessoa indígena. Xavantes são guerreiros!

A logomarca da universidade, logo acima dos corpos em luta, reforça o espaço do embate e da formação. De ambos os lados da marca UFG, uma borduna e uma caneta, apontando para objetos centrais na formação em tela. É como se houvesse uma vinculação entre ambos em um processo de formação de guerreiros no território acadêmico. A paisagem como pano de fundo indica, entretanto, o território originário, apontando para o fato de que talvez a universidade deva estar lá também, abrindo-se para os saberes territoriais. Vale notar que o Curso de Educação Intercultural Indígena do Núcleo Takinahaky de Formação Superior Indígena tem como um de seus princípios o diálogo profundo com os territórios originários. O curso tem como dinâmica a pedagogia da alternância, executando etapas de estudo em Goiânia e nas comunidades indígenas, vinculando ambos os espaços e gerando a produção de um conhecimento com base na noção de interculturalidade crítica.

4. Matrizes epistêmicas

Imagem-conhecimento produzida por artistas-intelectuais Iny-Karajá
no Projeto-Ação Retomada Epistêmica



Na imagem-conhecimento acima, a sigla UFG que representa o território acadêmico está nas águas do rio Berohoky ou rio Araguaia em língua portuguesa, um dos principais e maiores rios brasileiros. O rio em tela é espaço da ancestralidade e espiritualidade Iny, que se estende de Goiás ao norte de Tocantins, acompanhando o curso do grande rio. É de lá que os Karajá saem para o mundo. É, portanto, o local da origem. O enunciado “Berohoky Iny Olona” indica essa referência, podendo ser traduzido por: o local de origem Iny³.

A imagem ainda nos mostra três crianças nadando nesse espaço originário, da parte superior emerge o cocar do Hetohoky, ritual ancestral, matriz epistemológica do conhecimento, apontando para espaços epistêmicos, matrizes do conhecimento ancestral. Tal relação, entre espaços epistêmicos e produção de novas bases epistêmicas, é base nos processos de produção de novos Projetos Políticos Pedagógicos do Curso de Especialização Educação Intercultural e Transdisciplinar: gestão pedagógica, realizado no Núcleo Takinahaky, entre 2013-2016, coordenado pela professora Maria do Socorro Pimentel.

Nele, percebemos como o processo de superação do racismo epistêmico passa por uma revalorização de regimes de conhecimento. Os regimes de saber ameríndios, por exemplo, entendidos enquanto relacionais, a cultura sem ter um caráter substancialista. É, portanto, nesses espaços epistêmicos, como paisagens e rituais, que podemos perceber relações e dinâmicas fundantes para a sustentabilidade. São dessas matrizes epistêmicas, que podemos construir novas relações e práticas no território universitário.

É como afirma o intelectual indígena Cree, Shawn Wilson (2008). Segundo ele, as epistemologias indígenas apresentam um caráter relacional como centro da existência. É o que ele chama relacionalidade. Nesse sentido, esses regimes de conhecimento e de vida se organizam sempre em relação, buscando as conexões, em oposição a uma dinâmica que fragmenta os saberes. Nessa direção, parece que esses mundos indígenas buscam a

3 Agradecemos ao professor e intelectual Iny-Karajá Sivaldo Wahuka, liderança no campo da educação intercultural, pela tradução.

relação para o movimento contínuo da vida, que sempre está se transformando.

É como afirma também o intelectual Apinajé Júlio Kamer (2019) sobre a relacionalidade presente em seu território. Para o autor, egresso do Núcleo Takinahaky e mestre em antropologia social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFG, os cantos indígenas são cantos territoriais pois conectam a terra à organização social, à musicalidade e à cosmologia originária. Ele chama esse processo associativo, esticar.

A imagem acima é, novamente, portanto, uma imagem poderosa, que aponta para os campos da ancestralidade e espiritualidade e promove um vínculo entre territórios originários e acadêmicos, indicando uma relação em (re)construção. Dessa maneira, indicam modos de se conhecer, pautados na noção de conexão e transformação, muitas vezes, excluídos do método científico convencional, de matriz eurocêntrica. Há na imagem, assim, para além de seus elementos semióticos, uma proposição de metodologia para a produção de um conhecimento pluriversal e ecológico.

Imagem-conhecimento produzida por artistas-intelectuais Yudjá
no Projeto-Ação Retomada Epistêmica



A imagem-conhecimento acima apresenta igualmente elementos que articulam mundos originários e a academia, como a logomarca da universidade, corpos indígenas, um peixe grande e paisagens originárias, apontando, mais uma vez, para a possível vinculação entre os espaços, para a conexão entre os saberes. Nela, a UFG parece fluir como o peixe, o rio, os corpos, indicando movimento incessante.

A noção de movimento nas epistemologias originárias aparece quase sempre como suporte da vida. Pessoas, objetos, coletivos, nomes, rios e montanhas estão sempre em constante movimento, base de processos de subjetivação e agenciamentos. Para Cahxet (HERBETTA; PIMENTEL, 2013), docente Krahô, povo originário que vive no nordeste do Tocantins, de língua jê e estudante do curso de educação intercultural indígena, do Núcleo Takinahaky, o movimento é a base da vida, assim como a corrida de tora, tema de sua pesquisa e prática importante para as populações indígenas Timbira. Para ele, tudo deve estar em movimento, a cultura, os corpos, as músicas, os conhecimentos. Nesses mundos fluidos, corpos e culturas estão vivos. As imagens-conhecimentos também! São gestos fluidos de demarcação simbólica e visual, inscrevendo sobre a UFG, novas categorias, práticas e relações.

5. Considerações finais: permundos

Apenas uma universidade que seja capaz de transformar suas dinâmicas estruturais e levar em consideração os modos próprios de ser de outras populações, cultural e socialmente diferenciadas, pode contribuir para uma sociedade mais tolerante, equilibrada e para um uso mais consciente do poder (HERBETTA, 2018). Há muito o que se avançar em relação a práticas de gestão, concepções pedagógicas, matrizes curriculares, espaços de convivência e no que se refere aos gêneros comunicacionais.

Naturalizar a escrita e a língua portuguesa como suportes hegemônicos do conhecimento, por exemplo, é base igualmente da violência epistêmica, que sustenta um racismo institucional. Para Esbell ([s.d.]), “a gente precisa uma hora ampliar as leituras de mundos para minimamente ser justo com aquilo ou aquele que a gente pesquisa. Imagine os efeitos de quinhentos anos sobre uma população que assimila e desassimila o tempo todo” ([s.p]).

As imagens-conhecimentos produzidas no projeto-ação Retomada Epistêmica sugerem a necessidade de uma complexa vinculação entre conhecimentos e territórios. Nesse contexto, quando a universidade atua como ponte, a travessia encontra contato, reverberação, sinergia, confluência. Quando atua como barco, atua como veículo, como meio, como elo flutuante, mas acima de tudo seguro. Aí, então, se produz um saber sustentável, ecológico e pluriverso, como um conector para fatos históricos e como um disparador de sinapses para mundos que existem, mas não são como os que a gente tem acesso (ESBELL, [s.d.], [s.p]).

Quando a universidade atua como barreira, entretanto, represa e fragmenta saberes e relações, viabilizando apenas aquilo que é recurso. É infértil. Reproduz a colonialidade e sustenta o racismo epistêmico.

O projeto Retomada Epistêmica se propõe a pensar essas travessias. A arte e a educação vinculadas, enquanto potência decolonial. A UFG enquanto permundos.

Léxico para permundos é algo que proponho. Permundos é um não lugar com exigência de um dicionário próprio, ou seria apropriado? É que talvez haja um tipo específico de viventes nos dias atuais identificados por alguns poucos sensíveis rastreadores de criadores de conteúdos não habituais. Estes seres dispersos estão esparsos, sombreados pelas poucas manchas de mata que ainda há e diluídos nas águas grandes das mídias abertas e periféricas, sem que a ciência se dê conta de suas magnitudes por mero ângulo de filtros viciados. (ESBELL, [s.d.], [s.p])

As imagens-conhecimentos, assim como Yawaretê e a arte indígena contemporânea, expressam potências visuais que articulam elementos cosmológicos das epistemologias originárias a outros territórios. E vice-versa. Como pudemos observar, os cocares indígenas que indicam autoridade, os corpos originários construídos graficamente, as lutas e contatos e os espaços de origem foram apresentados em relação ao território acadêmico. Ademais, todas são imagens vivas, articulando pessoas, docentes e entrando em um fluxo de reprodução contínua.

Para quem caminha pelo território acadêmico, essas figuras, relações e imagens-conhecimentos estão por aí... capturando e transformando.

Referências bibliográficas

BANKS; Marcus; RUBBY, Jay (Eds.). **Made to be seen**. Perspectives on the history of visual anthropology. Chicago: The University of Chicago Press Chicago and London, 2011.

BANIWA, Denilson; CAPIBERIBE, Artionka. Unicamp, terra indígena. Uma conversa em torno de um mural. *In*. OLIVEIRA JR., Wenceslao; ALIK, E Wunder (Orgs.) **Casa dos saberes ancestrais**. Diálogos com sabedorias indígenas. Campinas, SP: BCCL/Unicamp, 2020. p. 98-119.

CASTRO-GOMÉZ, Santiago. Ciencias sociales, violencia epistémica y el problema de la invención del outro. *In*. LANDER, Edgardo (Org.). **La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales**. Perspectivas latinoamericanas. Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales Editorial/Editor, 2000.

CUSIQUANQUI, Silvia. **Sociología de la imagen: ensayos**.. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Tinta Limón, 2015.

DIAKARA, Jaime. **Gaapi: uma viagem por este e outros mundos**. Manaus: Valer Editora, 2021.

ESBEL, Jaider. **A arte indígena contemporânea como armadilha para armadilhas**. Disponível em: <http://www.jaideresbell.com.br/site/2020/07/09/arte-indigena-contemporanea-como-armadilha-para-armadilhas/>. Acesso em: 14 nov. 2021.

FONSECA, Carolina; HERBETTA, Alexandre; BRITTO, Pedro. Retomada Epistêmica. s/d. disponível em: <https://retomadaepistemica.hotglue.me/?depoimentos>. Acesso em: 13 nov. 2021.

GASCHÉ, Jorge; BERTELY, Maria; PODESTA, Rossana. **Educando en la diversidad cultural**. Investigaciones y experiencias educativas interculturales y bilingües. Ecuador: Ediciones Abya-Yala, 2008.

HERBETTA, Alexandre. Políticas de inclusão e relações com a diferença: considerações sobre potencialidades, transformações e limites nas práticas de acesso e permanência da UFG. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 24, n. 50, p.305-333, jan./abr. 2018.

HERBETTA, Alexandre Ferraz ; PIMENTEL, M., S. . Ver, escutar e falar: perspectivas acerca da transformação através da educação escolar. **Cadernos do LEME**, Goiânia, v. 5, p. 185, 2013.

HERBETTA, Alexandre; PIMENTEL, Maria do Socorro. Atualizando, juntando e esticando a universidade: considerações sobre a possibilidade de uma pluriversidade. **PRACS: Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP**, Macapá, v. 11, n. 1, p. 11-26, jan./jun. 2018. Disponível em: <https://periodicos.unifap.br/index.php/pracs>. Acesso em: 13 nov. 2021.

- KAMER, Julio. **Mẽ ixpapxà mẽ ixàhpumunh mẽ ixujahkrexà**: território, saberes e ancestralidade nos processos de educação escolar Panhĩ. 2019. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, UFG, Goiânia, 2019.
- RAPPAPORT Joanne, CUMMINS, Tom. **Beyond the lettered city**: indigenous literacies in the Andes. Durham: Duke University, 2011.
- RAPPAPORT, Joanne. Más allá de la escritura: la epistemología de la etnografía en colaboración. **Revista Colombiana de Antropología**, Bogotá, v. 43, p. 197-229, jan./dez. 2007. Disponível em: <https://revistas.icanh.gov.co/index.php/rca/article/view/1108>. Acesso em: 25 out. 2021.
- SAMPAIO, Daiara Tukano. **UKUSHÉ KITI NIÍSHÉ** Direito à memória e à verdade na perspectiva da educação cerimonial de quatro mestres indígenas. 2018. Dissertação (Mestrado em Direitos Humanos e Cidadania) – Universidade de Brasília, 2018.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **Una epistemología desde el Sur**. México: CLACSO y Siglo XXI, 2009.
- SILVA, Maria do Socorro Pimentel da. Políticas de retomada de línguas indígenas em diferentes contextos epistêmicos. **Revista Articulando e Construindo Saberes**, Goiânia, v. 4, p. 30-45, 2019.
- WALSH, Catherine. **Pedagogías decoloniales**: practicas insurgentes de resistir, (re) existir y (re) vivir. Quito: Ediciones Abya-Yala, 2013. (Serie Pensamiento Decolonial)
- WILSON, Shawn. **Research is ceremony**: indigenous research methods. Halifax; Winnipeg: Fernwood Publishing, 2008.
- XAKRIABÁ, Célia. *Amansar o giz*. PISEAGRAMA, Belo Horizonte, número 14, página 110 – 117, 2020.